

JORNAL DE GUIMARÃES

PREÇO DA ASSIGNATURA

Na cidade	Anno.....	1\$200 réis
	Semestre.....	600 »
Fóra da cidade	Anno.....	1\$400 réis
	Semestre.....	700 »
Número avulso.....		30 »

Orgão do «Centro Nacional»

Publica-se aos Sabbados

EDITOR.—Francisco A. da Silva

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Annuncios e communicados, por linha.	40 rs.
Repetição, por linha.....	20 rs.
No corpo do jornal.....	100 rs.
As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.	

Guimarães, 14 de junho

A NOSSA LEGISLAÇÃO

Um dos symptomas mais característicos da decadencia de uma nação é a multiplicidade das leis. Já Cícero dizia no seu tempo: *corruptissima respublica plurimae leges*.

E com effeito, se essas leis se não cumprem, o que é o mais usual, dahi resulta o desprezo do principio de auctoridade, o que é um grande mal; e se se cumprem, a liberdade fica um tanto coartada, a iniciativa individual esmorece e a nação não pode progredir.

Ora Portugal está nestas condições. O unico empenho dos nossos governos é fazer leis: que ellas sejam boas ou más, necessarias ou inuteis, exequiveis ou inexecuiveis, pouco se lhes dá. Todo o ministro que abraçar uma pasta, ha, segundo a praxe, de deixar assignalada por uma refor-

ma a sua passagem pelos conselhos da corôa.

A reforma é a mania dos nossos ministros. Um faz e outro desfaz. A nossa legislação na mão dos partidos militantes é como a teia de Ponélope: nunca fica completa. Daqui vem a instabilidade, complicação e confusão das leis, e por consequente a sua inobservancia.

O que hoje está em vigor, já amanhã não estará. Umhas leis são abrogadas, outras derogadas; umas são modificadas com restricções, outras ampliadas, com innovações. E sobre as leis vêm os decretos, as portarias, as declarações ministeriaes, as praxes ou abusos das repartições, que ainda enredam mais a meada legislativa, a ponto de nem os legisperitos mais experimentados poderem consultar com segurança.

As leis fiscaes, que são as mais odiosas, são também as mais obscuras e as mais asadas a interpretações arbitrarías. Eis aqui um grande mal, que todos reconhecem e que urge remediar.

A lei estabelece direitos e obrigações, e por isso deve ser tão clara que a entenda a maioria daquelles a quem diz respeito; deve também ser estavel, porque deste modo entra nos costumes do povo, e por isso mais facilmente pode ser conhecida e cumprida.

As leis não devem ser muitas, porque valem mais á prosperidade da nação poucas e bem cumpridas, do que muitas, que no todo ou em parte se não observam.

Um dos melhores serviços, que um governo podia prestar á nação, era codificar, simplificar e aclarar os varios ramos da nossa legislação, eliminando os preceitos que se tornaram obsoletos ou inexecuiveis, conservando os que a experiencia tem mostrado bons, desfazendo as escurezas que a pratica tem apontado, e acabando por uma vez com essas disposições dubias, que se prestam a tantos abusos.

Mas podemos estar certos que nenhum dos partidos rotativos metterá hom-

bro a esta empresa tão proveitosa como necessaria; pois que a barafunda da legislação serve admiravelmente seus interesses politicos. Resignemo-nos, pois, até que venham melhores tempos, ou antes trabalhe-mos affinadamente por chegar a melhores tempos, em que esta reforma das reformas se possa effectuar.

Segundo o systema representativo, por que se rege a nação, todos os cidadãos podem influir efficaçamente na realização deste desiderato. Basta que queiram cumprir o seu dever, conjugando os seus esforços com os homens de boa vontade, que ahi lidam pelo levantamento da Patria.

O proveito é de todos, e por isso todos devem cooperar nesta obra de salvação.

Se o civismo não é uma palavra vã, não podemos viver indifferentes no meio das calamidades, que pesam sobre a nação. Temos obrigação rigorosa de trabalhar por vencê-las. E querer é poder. Haja boa vontade e tudo será possível.

P. A.

CARTA DA ALDEIA

Meus bons amigos

Cú estou no meu posto: mas ainda hoje preciso de fazer violencia á penna, para rabiscar estas duas linhas, e afinal não dizer coisa de jeito.

Ha assumptos, em que a penna do menos habil escriptor desliza com graça e facilidade. Nem ha melhor inspiração, do que aquella que dimana do proprio objecto.

Mas quando ha opposição entre os gostos do escriptor e a natureza do assumpto, a penna nega-se, arrasta-se, torce-se, e deixa o seu protesto na aridez do escripto.

E' o que hoje me acontece. Olho para um lado e para o outro, e só se me offerecem coisas, em que, como usa dizer-se, nem é bom fallar.

Penho a vista nestes largos campos, que ainda ha poucos dias pareciam resuscitar alegremente para as esperanças de um regular outomno, e vejo as terras plantadas—benficia e fecunda matriz da sustentação dos homens e dos animaes—rachiticis e amarellecidas, como tocadas de mortifera peste.

Ergo os olhos aos alcandorados pampanos, em cuja mysteriosa laboração se costuma guardar uma das mais riso-

EXCERPTUM

O DUELLO

Os combates singulares vieram dos barbaros do norte. Noutro tempo porem, a auctoridade em muitos casos os permitia; a justiça servia-se delles como subsidiarias provas juridicas; e a superstição considerava seus resultados como infalliveis testemunhos dos juizos de Deus.

Presentemente é o contrario. Nenhuma superstição os favorece, nenhuma auctoridade os permite, nenhum tribunal os ordena; e tanto as leis religiosas, como as civis os reprovam.

Elles consistem em se dar e em se receber a morte: e que prohibição ha mais expressa na lei divina, que a prohibição de matar?

As leis ecclesiasticas fulminam xcommunhões contra os que pro-

vocam, e contra os que accitam os desafios, contra os padriahos, e contra todos aquelles que directa ou indirectamente concorrem para estes actos.

As leis civis são geralmente accordes em prohibir os duellos, e em punir os duellistas e seus cooperadores. A differença está nas penas, que em uns paizes são mais, e em outros menos graves; sendo do numero daquellas o ultimo supplicio.

Comtudo os duellos continuam. São uma enfermidade que, quando se apodera dos homens, parece que os cega para todas as realidades, e lhes não deixa ver senão uma chimera.

Esta chimera é um capricho, que mui impropiamente se chama honra, e que nem o é, nem tem com ella a mais remota afinidade.

Que honra é essa, que não pôde conciliar-se com a religião, com a moral, nem com a legislação de povo algum civilizado? que se procura na bocca de uma pistola, na ponta de uma espada, ou na fluctuante incerteza de um terrivel acaso?

A honra consiste em não offender ninguém, em perdoar generosamente as offensas recebidas, em fazer bem a quem nos faz mal, em amar e em servir nossos proprios inimigos; e não em dizer: façamos correr reciprocamente nosso sangue, para se ver qual corre em maior abundancia; ataque-mos a vida um do outro, para a perdermos juntos, ou para um de nós ter o gosto de ver o outro expirar; matemo-nos, para que não pareça que algum de nós commette a vileza de perdoar uma injuria.

Um duello não prova nada, diz um escriptor de opiniões bem livres, senão muita impaciencia, muita vaidade, muita loucura; qualidades oppostas á verdadeira força, á verdadeira grandeza da alma e á humanidade. Elle podia acresentar outra cousa, que o duello prova, e sem a qual ou seria rarissimo, ou nunca se veria: é a irreligião.

Não imaginem os duellistas, que estão no seu direito; que o duello é a consequencia de uma convenção entre os dois adversarios que se batem: pois a vida

dos homens não pôde ser objecto das suas convenções. Elles são meros depositarios della. O senhor da vida é só Deus.

«Mas que conceito se ficará fazendo de um militar, que se deixa insultar impunemente, ou que rejeita um desafio?» Se elle é um covarde, um fraco, um vicioso, se ficará delle fazendo o conceito que merece. Se pelo contrario é conhecido por homem religioso, attribuir-se-ha o seu procedimento a motivos de religião; e é sempre louçavel o determinar-se qualquer por estes motivos. Se tem sido bravo na guerra, ninguém o taxará de fragieza, antes se dirá que reserva o seu valor para as occasiões opportunas. Mas se outra cousa se disser, deverá elle infringir todas as leis, para não incorrer numa injusta censura? Não será mais proprio do caracter e da firmeza militar, arrostar todas as censuras, para não faltar a um só dever, para não infringir uma só lei?

Todo o duellista é criminoso, e o militar ainda mais o é. Elle jurou que estaria sempre prompto a combater debaixo das ban-

deiras da patria, e deixa-as para combater debaixo das bandeiras do crime. A nação sustentou-o vinte annos, para receber delle o sacrificio de um dia; e elle, na vespera, ou talvez nesse dia mesmo, deserta para o campo das paixões e da vingança, não lhe importando a divida contrahida.

Quando a terra estava coberta de heroes, diz um philosopho que vos não pode ser suspeito, viu-se acaso um só duello? Os mais valentes homens da antiguidade tractaram elles jamais de vingar affrontas por meio de combates particulares? Cesar enviou algum cartel a Catão, ou Catão a Cesar?

Dir-se-ha que o duello é uma fatalidade da nossa epoca; que o homem, que assim se bate, se expõe a morrer no campo, ou no cadafalso; e que o que recusa bater-se, fica para sempre deshonrado. A primeira destas proposições é verdadeira, a segunda é falsa.

Ninguem se deshonra por obedecer ás leis, e por se conformar com os deveres da religião e da humanidade. Um dos maiores ge-

nas esperanças do nosso pobre lavrador, e vejo, não, logares, as nascenças inteiramente inutilizadas, neutros, sobremannera deterioradas, noutros, gravemente ameaçadas.

Essa é a vida doméstica da grande maioria das classes que compram o pão e vejo já os sinais da mingua estampados em muitas phisionomias e o espectro da fome, burlando ameaçador a muitas portas.

Estenlo a considera-ção por mais longe, e vejo os governantes absolutamente desinteressados das misérias do povo. Vejo-os gastar a larga em doidas orgias os últimos céntis da riqueza nacional. Vejo-os tecer novas cadeias, com que mais agridem a moribunda nação. Vejo-os planejar ruinosos empréstimos, tentar infames contractos, estudar impossíveis tributos, projectar despoticas oppresses e desenthesourar do monstruoso concénio inauditas surpresas.

E á vista de tudo isto—os generos de primeira necessidade carissimos, as esperanças do anno perdidas, as contribuições augmentadas, os encargos da nação espantosamente subidos, a Patria resvalando veloz para a ultima ruina e os governantes olhando cynicamente para semelhante espectáculo: á vista de tudo isto, digo, só me lembro de levantar piedosas mãos a Deus, e, reconhecendo que é o braço da sua vingança que se aggrava sobre o infeliz Portugal, exclamo com o nosso povo: «Louvado seja o Senhor!».

Como querem pois os meus amigos que eu me alargue com alegria em assumptos de tanta tristeza?

Quanto o coração, quanto a alma se sente esmagada sob o peso de tantos infortunios, como há a pena de correr livre e facil?

Fique-se pois a rebeldia penna em repouso, largando tão ingrato assumpto.

Algarves, 12—6—902.

Um Nacionalista.

AGRICULTURA

AUGMENTO DA PRODUÇÃO

Lavar fundo, applicar adubos em quantidade sufficiente e de

neraes dos tempos modernos, Turcuno, na idade de dez annos des- acação mui seriamente um velho official, que lhe disse que o historiadador de Alexandre era um romancista: mas quando, achando-se madura a sua razão, e á sua frente coroada dos louros da victoria, o foi tentar um cartel de desafio, o heróe não hesitou em o desprezar. E deixou por isso o exercito de reconhecê-lo pelo melhor dos chefes? a Franca, a Europa de admirá-lo? a mesma inveja de respeitá-lo?

A moda de se desaffrontarem os homens pela força bruta, depõe muito contra a civilização do seculo em que vivemos, e contra a sua moralidade. Ella supõe uma necessidade, que não existe: um direito, que não ha: ella confunde as ideias da coragem e da fraqueza, da honra, e da deshonra; ella é uma revolta contra a Auctoridade do Céu, e contra as auctoridades da terra.

E qual é o pensamento do duellista, quando se prepara para o combate, e quando entra neste? Lembra-se elle das consequências que se seguirão, ou vai lá a ficar

composição adequada ás exigencias da cultura, empregar sementes de variedades resistentes e productivas, e a synthese da boa cultura.

O agricultor que se proponha augmentar a produção de suas propriedades, não póde duvidar um só momento que estes são os meios que tem de empregar para conseguir o seu fim, e deve harmonizá-los de tal maneira, que satisficam as exigencias vegetativas das plantas sob todos os seus aspectos, para que, contribuindo todos para o mesmo fim, este se realize nas melhores condições economicas.

Semear, regar, debulhar, enfiar e collocar em condições de conservação productos da terra, servindo-se dos engenhosos e aperfeiçoados instrumentos de machina moderna, não só augmenta muito a produção do sólo, mas tambem a sua exploração é mais economica, influido, portanto, notavelmente o seu emprego na prosperidade da industria agricola.

Ainda que o principal em todas as explorações, grandes e pequenas, seja produzir muito em pouco tempo em determinadas condições, oppõe-se-lhes muitas vezes a falta de meios rapidos de colher. Ora, para que se realize este ideal da agricultura, é preciso pôr em fôco todos os elementos da cultura, dos quaes os princípios são os que augmentam o producto bruto do sólo, e os secundarios os que elevam o rendimento liquido.

Não se conseguirá que os fertilizantes augmentem o rendimento na proporção devida, se ao sólo faltar a humidade necessaria, e se a planta de organização defeituosa e rachitica na sua origem não tiver energia sufficiente para synthetizar os elementos que com abundancia se lhes proporcionem em forma de adubos.

No nosso paiz, talvez mais do que em nenhum outro, a cultura do secco resent-se com demasiada frequencia das pertinazes sequias da primavera, que destroem as colheitas de cereaes alguns annos, e as damnificam sempre.

Lavar fundo equivale a augmentar as reservas de agua das camadas inferiores da terra, e portanto a defender as plantas nella cultivadas dos rigores da sequia; contribue tambem para engrandecer a zona em que se hão de estender as raizes, e por con-

quente para augmentar a superficie de absorção, e com ella o numero de raizes que sustentam o vegetal.

A profundidade da lavra exerce uma decidida influencia sobre a produção em todas as culturas, e sobre os cereaes é de summa importancia para o seu rendimento.

As plantas que não são resistentes á acção dos agentes climatologicos, que não são prolificas ou que não tenham em alto grau a propriedade de accumular assucar, fecula, gordura, ou o principio immediato emfim, para cujo aproveitamento se cultivam, virtudes que se adquirem e conservam por processos de cultura especiaes e por escolha, difficilmente produzem colheitas remuneradoras, como devem esperar os que cultivam bem.

Não insistiremos sobre o que tantas vezes e de varias formas se tem dito: sobre a necessidade de alimentar racionalmente as plantas, sem o que todos os esforços da agricultura são inuteis e o trabalho mais perfeito e a semente mais prolifica dão resultados anti-economicos. Mas insistiremos em demonstrar aos agricultores a conveniencia que ha na perfeição dos processos de cultura, que se deve praticar de uma maneira harmonica e simultanea, para que desapareçam os males, e do conjunto se obtenham apenas os beneficios. O machinismo agricola, tão aperfeiçoados nestes ultimos annos, tem-se generalizado rapidamente nos nossos campos, e a sua utilidade nas grandes explorações é indiscutivel.

Com o emprego das machinas obtém-se grande economia de tempo e de trabalho, e a tendencia dos constructores é fazê-las applicaveis até aos mais rudimentares trabalhos de cultura, para o que já fabricam toda a sorte de simplicissimos instrumentos para remover a terra, tanto profundamente, como na superficie. Os arados modernos (de vertedeira), são a prova do que dizemos, e não levará muito tempo a torná-los ainda mais uteis. Sem um bom arado, sem adubos complementares e sem uma boa e perfeita escolha de sementes, não se póde cultivar com lucro. Os nossos lavradores devem ter bem presente que todos os trabalhos são inuteis quando falta uma boa direcção na execução delles. Se querem tornar lucrativas as suas culturas,

plorá-las? Que espago lhes restará, para se reconciliarem com Deus, se os seus derradeiros momentos foram empregados em offender a Deus?

No instante indivisivel do ultimo suspiro, e quando ainda seus corpos parecerem animados do calor da vida, já suas almas estarão no Tribunal augusto, que se eleva á entrada do imperio eterno, para serem julgadas: e que desculpa terão ellas que dar ao Supremo Juiz?

Ah! que o materialista, que aquelle, que se degrada da dignidade de homem, para se pôr ao nivel dos irracionais, procure imitar as feras em seus horriveis combates, é espantoso, e todavia concebe-se: mas que outro tanto fazem homens, que admittem a immortalidade da alma, que creem na vida futura, é incompreheensivel!

R. de Bastos

tratem primeiro de tudo de atender ao que acima dizemos. E não se arrependirão, creiam.

Do Correio Nacional.

PELO MUNDO

Uma exposição original

Todos os nossos leitores têm bem presente a famosa burla da familia Humbert, de que já aqui fallamos.

Ora no Novo Mundo tudo é novidade. Um rico americano teve a genial ideia de adquirir a todo o custo o maior numero de objectos, que tenham relação com o celebre caso, para organizar uma exposição, que podemos chamar da ultima moda. E o certo é que tem comprado algumas coisas a peso de ouro. Mas espera ser compensado.

Se a moda peya, não tarda que vejamos desaparecer do meio de nós tudo quanto diz respeito á rotaçáo: pois em materia de extorquir descaradamente os dinheiros alheios, não ha egual.

E aqui está um meio imprevisito de salvar a Patria: por um lado, a rotaçáo exportada para a America, para della se tirar o unico prestimo que tem—ser admirada como um ente monstruoso no seu genero; por outro, receber Portugal em troca uma parte do dinheiro, com que o monstro tem engordado.

Quem dera por cá o tal americano!

Chorar ao desafio

A scena passa-se nos Estados Unidos.

Um certo numero de senhoras da melhor sociedade reúnem-se em vasto salão, na presença de numerosas testemunhas. Querem celebrar um certame de lagrimas; quer dizer, desejam averiguar qual é capaz de chorar mais e por mais tempo.

Vão-se contando as lagrimas de cada uma, no meio das gargalhadas dos assistentes, e no fim do tempo marcado faz-se a comparação, adjudicando-se o premio a uma que derramara trinta e uma lagrimas em cinco minutos!

Em extravagancia ninguém lhes ganha.

NO PAIZ

A embaixada na China

Sabem os leitores quanto dão para a ridicula e escandalosissima embaixada chinesa?

Dão 162:000\$000 réis por anno, 13:500\$900 por mês, 3:150\$000 por semana, 450\$900 por dia, 18\$700 por hora, 312,5 por minuto!

E note-se que tudo isto é pago em ouro, o que equivale a augmentar as já fabulosas verbas com o lindo accessimo de pelo menos trinta por cento!

E lembrar-se a gente de que não faltam por ali amanuenses, lavradores, officiaes emfim de diferentes officios, que vivem opprimidos pelo trabalho, e que, ao fim dum longo dia de fadigas e suores, não tiram lucro equal ao que o inutilissimo embaixador chinês tira por minuto!

O povo português, accorda emfim do teu criminoso somno! Põe os olhos na applicação que os malfadados governos rotatórios dão aos teus

sucres! E se te parece, continua a apoiá-los com a tua ajuda.

Semelhantes orgias não são só um roubo; são um escarneo, um insulto á nação!

Mosca que mata um homem

Lemos no nosso prezado collega «A Folha» de Vizeu:

Tendo fallecido de doença, em 21 de maio, duas vacas pertencentes a um lavrador de Lordello do Ouro, a policia acudiu a fazer enterrar essas duas vacas, depois da carne haver sido devidamente inutilizada com petroleo.

Antes porém de os animaes serem enterrados, o dono quis aproveitar-lhes a pelle e encarregou o carnicero Antonio de Sousa Oliveira, casado, de Serralves, de proceder a essa operação. A pelle foi tirada com a maior facilidade; mas Sousa Oliveira sentiu que durante o trabalho de esfolamento uma mosca grande lhe deu forte picada num braço. Não fez caso disso, mas no dia immediato começou a sentir os symptomas da infecção.

Chamados dois medicos, não poderam calcr-lhe.

EM GUIMARÃES

Festa operaria

Como estava annunciado, realizou-se no dia 8 a inauguração solemne do «Circulo Catholico dos Operarios de S. José e S. Damaso,» desta cidade.

Pelas 8 horas da manhã chegaram á estação do caminho de ferro mais de 650 socios dos Circulos do Porto e Villa Nova de Gaya. Pouco depois, tambem chegaram pela estrada de Braga os do Circulo desta ultima cidade.

Na estação eram esperados pela direcção e mais socios do Circulo desta cidade. Musica, girandolas e calorosos vivas foram a expressáo entusiastica da confraternização de todos, visitantes e visitados.

Da estação todos se dirigiram á majestosa igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, onde assistiram ao Santo Sacrificio, ao qual muitos commungaram do Pão dos Anjos. Sob a direcção obsequiosa do sr. Calixto foram executados e cantados no coro, durante a solemne cerimonia, alguns selectos trechos de musica sacra. Era de veras impressionante a devoção e recolhimento, com que os bons operarios assistiam e tomavam parte nesta manifestação de suas crenças catholicas. O vasto templo estava repleto de assistentes. Não assistiram porém os visitantes do Circulo de Vianna, porque sómente poderam chegar no comboio immediato.

A entrada nesta cidade e o percurso do cortejo pelas ruas até á casa do Circulo foram imponentes. Mais de mil pessoas se incorporaram com seus doze estandartes, que representavam outras tantas corporações operarias. Levantavam-se vivas aos operarios, á cidade de Guimarães, á propagação catholica e a Leão XIII, o Pontifice dos operarios. Duas tunas de operarios e uma banda de musica tomaram parte no cortejo.

Durante o seu trajecto foi elle saudado por muitas damas vimaranenses, que das janellas lhe lançavam flores, clara expressáo da sua muita sympathia pelo operariado catholico.

Chegado o cortejo á casa do Circulo, ali foram recebidos pela direcção, fallando por parte desta o seu muito digno presidente, Dr. Freitas, e por parte dos recém-vindos os Srs. Manuel da Fonseca, benemerito presidente do Circulo da cidade do Porto e o Sr. Dr. Maia, dedicado presidente do Circulo de Gaya.

Concluidos os cumprimentos, todos dispersaram em visita aos monumentos da cidade, ao thesouro da Collegiada e aos museus da Sociedade Martins Sarmento.

Pelas tres e meia da tarde já estava repleto de operarios e de convidados o vasto salão do Circulo, que havia sido adornado com esmerada elegancia e aceio. Mais de oito centos assistentes formavam a assembleia. Entre estes havia muitas senhoras da cidade e de Braga.

Presidiu o Ex.^{mo} Sr. Dom Prior Manuel de Albuquerque, secretariado pelo Sr. Padre Roberto Maciel, presidente do Circulo da cidade de Braga, e pelo Sr. Antonio Guimarães, vice-presidente do Circulo da cidade de Vianna do Castello.

O Ex.^{mo} Presidente principiou por saudar os Circulos do paiz alli representados. Passou depois a expôr o fim daquella sessão solemne, discursando em seguida sobre a acção dos Circulos Catholicos no mundo religioso e no mundo economico. Foi importante o seu discurso. E declarando aberta a sessão, concedeu a palavra, pela ordem da inscripção, aos oradores inscriptos.

Discursaram proficientemente da tribuna os Srs. Padre Roberto Maciel, Dr. Freitas, presidente da direcção do Circulo de Guimarães, Antonio Guimarães, Vianna, socio do Circulo de Braga, e Dr. Maia, presidente do Circulo de Villa Nova de Gaya.

Todos os oradores foram muito festejados ao subirem á tribuna e muito applaudidos durante e no final dos seus discursos.

O Ex.^{mo} Presidente, levantando-se pela segunda vez, agradeceu aos oradores a sua valiosa cooperação e a todos os demais assistentes a sua honrosa comparencia, deu alguns conselhos aos operarios e encorrou a sessão.

Deixou-nos a impressão mais grata esta sympathica festa operaria. A convicção íntima, com que fallaram os oradores e a sinceridade e ardor com que eram festejados e applaudidos, convenceram-nos de que só estavam alli dedicados apostolos da causa santa do operariado, e verdadeiros crentes da benéfica acção desta numerosa classe nas questões, que na actualidade se agitam entre a Igreja e seus inimigos, entre o capital e o trabalho.

Nos intervallos dos discursos fazia-se ouvir a *tuna* do Circulo Catholico do Porto, que muito agradou a toda a assembleia.

Pouco depois, foram acompanhados por grande numero de operarios e por uma banda de musica até ao logar de sua partida os socios do Circulo de Braga. E pelas sete horas e meia, acompanhados até a estação do caminho de ferro os do Circulo do Porto, Gaya e Vianna. Ali se trocaram entusiasticas saudações até ao momento da partida do comboio.

Durante todo o dia não houve uma só nota discordante: tudo alegria e paz. O caracter ordeiro dos operarios catholicos impressionou muito agradavelmente a população vimaranense, que reconheceu quanto as suas manifestações pacificas foram diferentes de algumas outras manifestações turbulentas de outros operarios, que têm visitado esta cidade.

Gil Vicente

Correram com todo o brilho e entusiasmo as festas promovidas pela benemerita Sociedade Martins Sarmento em honra de Gil Vicente.

Cumpriram-se á risca todos os

numeros do programma, e não faltou a nenhum uma concorrência distincta e numerosa.

A sessão solemne celebrada pela Ex.^{ma} Camara no vasto salão do tribunal revestiu um apparato de grandeza, a que não estamos habituados.



Os duellos

Se não fossem as leis, ha tantos annos, Como a borracha, brandas e flexiveis, E entregues ao arbitrio de maganos, Aos gemidos dos reos sempre sensiveis, Quer o sejam de crimes deshumanos, Ou de esforços de genio, quasi incriveis; Se os duellos, enfim, fossem vedados, Mil heroes morreriam affrontados.

Mas—graças dos governos á incuria— Campêia qualquer parvo de valente! Chamando a um gracejo atroz injuria, P'ra lavá-la faz rir a séria gente; E, de medo a tremer, finge-se em furia, O nome quer ganhar de combatente: Mas não conheço um côxo, ou aleijado, Que fosse num *duello* assim marcado!

Supponhamos um *dandy*, um *figurinho* Que na rua elegancia ostenta bella. Um menino de collo, e bonitinho, Que um doce está papando, na janella, Faz da casa cascata, e de mansinho Um chafariz se torna, sem cautella... E sóa no chapéu da nossa *joia*, Estrondo, qual de chuva em clara-boia!...

Diz consigo o *janota*: «Estou perdido!... «Não me devo portar como um galucho.» E as escadas galgando, enfurecido, Lá vai pedir ao pae do pequerrucho Cabal *explicação* do succedido, Se uma bala não quer dentro do bucho!... Já falla de pistolas e de espadas, E ri-se o auctor do insulto ás gargalhadas.

Se da casa o senhor é já pesado E o jóvem não quer uma pendencia, Pede, humilde, perdão, e socegado, Do filhinho mostrando a innocencia, Á familia apresenta o moço irado, E lhe offrece com ella a convivencia: Já, pacato, o rapaz não quer vinganças, E em polkas tudo acaba e contradanças.

Dêmos porem, que, em vez de homem sisudo, É da creança o pae ratão de gosto, Que o *valente* escutando, carrancudo, Tremendo bofetão lhe manda ao rosto, E a escada o faz transpôr, portal, e tudo, Sem para o *desafio* o ter disposto! Eis um caso horroroso e formidavel, No qual é um *duello* inevitavel!

De raiva em fogo ardendo o *cavalheiro*, Corre a casa, inda cheio de vaidade, Manda logo o chapéu ao chapelleiro, Na face, onde apanhou, põe alvaiade, Recorre, inda a tremer, ao seu tinteiro, E deste modo invoca uma amizade: «Fulano! Se és o meu maior amigo, «Vem cá! Da minha honra acode ao p'riço»!

Lá vem o pobre amigo, esbaforido, A causa quer saber de tanto alarde; E, da razão do *heroe* já convencido, Pela vingança vota, e que não tarde:

«Pois então parte já—diz o *offendido*— «Um duello propôr ao vil covarde! «Porém previne-o lá, que se conforte, «Porque de um de nós dois é certa a morte!»

Eis em marcha o *padrinho*, que apressado Se dirige ao ratão, pae da creança, Que o convite escutando, socegado, Responde, a rir, que é justa essa vingança: Do *combate* o logar fica marcado, Arma escolhida, e hora, sem mudança: Satisfaz as demais formalidades, E rompem-se as cruéis hostilidades!

Chega, enfim, da *batalha* o duro instante! De pistolas nas mãos os *combatentes*, Um a rir-se de graça, outro arrogante, C'os *padrinhos* no campo estão presentes: Dão fogo!...Eis que uma bala fulminante, Ao mancebo, infeliz nos precedentes, Quatorze pêllos queima do bigode, E o beijo, que jámais produzir pode!

Fazem-se os cumprimentos, e em seguida Põem-se os dois *campêes* em retirada; Vai o triste rapaz curar a frida, Com honra tanta, com valor ganhada; E embora conte já na insana lida A *molhadella*—o *tiro*—e a *bofetada*— Brada, cheio de si, ao mundo inteiro: «Assim é que se vinga um *cavalheiro*!»

Se eu pudesse chegar a ser um dia O director na *casa dos orates*, Nenhum destes *heroes* lá chegaria, Que entrada não tivesse, e sem debates: Mas vós, que padeceis dessa mania, Não me chameis, por isso, a taes combates! Debalde tomareis o caso a peito: Declaro—alto e bom som—que não acccito!

Xavier de Novaes.

Publicações

Recebemos os magistraes discursos do Exm. Sr. Conselheiro Jacintho Candido pronunciados na Camara dos dignos Pares, nas sessões de 29 e 31 de janeiro e 18 de abril.

Nos dois primeiros faz o diguo Par a proclamação solemne dos ideaes e programma nacionalista. No terceiro, desenvolvendo e completando o mesmo assumpto, faz o confronto flagrante entre o «Vida Velha», que nos tem perdido, e a «Vida Nova», em que precisamos de entrar para nos não acabarmos de perder.

Do valor destes discursos fallou toda a imprensa: não precisamos agora do o encarecer. Só diremos que devem ser lidos e meditados por todos aquellos que se interessam pela salvação publica.

Ao Exm. Sr. Conselheiro Jacintho Candido agradecemos a gentileza do offercimento.

Tambem recebemos e agradecemos os volumes da «Propaganda Catholica» de Peniche correspondentes aos meses decorridos desde janeiro.

E' esta uma obra de propaganda, cujo elogio ha muito está feito: interessante, variada, barata, nada lhe falta para merecer as attentões dos catholicos.

Recomentamo-la aos nossos leitores,

ANNUNCIOS

OS Centros Nacionaes PELO

DOM PRIOR Manuel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do snr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—Rua de Paio Galvão. Preço 300 réis

Dinheiro sobre Hipoteca

D. JOÃO 1.^o—67

Enfermeiro

João de Faria, do logar do Tojal, freguezia de Gondar do concelho de Guimarães, encarega-se de curar as pessoas que tenham feidas em qualquer parte do corpo, quer antigas, quer modernas. Preços modicos.

TYPOGRAPHIA

— DO —

JORNAL DE GUIMARÃES

27-RUA DE D. LUZ 1.º-GUIMARÃES



Impressão de circulares, facturas, memoranduns, enveloppes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho, repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinhos; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos, etc., etc.

Trabalhos typographicos, desde o mais pequeno ao maior formato. Preços muito commodos.

Cartões de visita desde 160 réis o cento

Albano Bellino

ARCHEOLOGIA CRISTÃ

— DO —

Descripção historica de todas as egrejas, capellas, oratorios, cruzeiros e outros monumentos de Braga e Guimarães.

Publicação commemorativa do Jubileu Universal do Anno Santo, illustrada com 66 photogravuras dos monumentos religiosos mais notaveis das duas cidades do Minho.

Cada exemplar, com 300 paginas 1:000 réis.

A'venda na tabacaria

DE

Augusto Ignacio da Cuiha Guimarães

Rua da Rainha--GUIMARÃES

Regulamento dos Serviços do Recrutamento

DO

EXERCITO E DA ARMADA

(Aprovado por decreto de 24 de dezembro de 1901)

PREÇO 200 RÉIS

Bibliotheca Popular de Legislação—Rua das Salgadeiras—48—1.º—LISBOA

Reorganisação das Repartições de Fazenda e das Recebedorias

A Bibliotheca Popular de Legislação, com sede na rua das Salgadeiras, 48 1.º, LISBOA, acaba de editar em folheto a Reorganisação das Repartições de Fazenda e das Recebedorias, seguida dos decretos sobre Inspeção Geral do Thesouro e Inspeção Geral dos Impostos, e bem assim do Regulamento das Estampilhas Fiscaes, sendo o seu preço 160 réis.

SEM RIVAL!

No estabelecimento de ARTHUR JOAQUIM REBELLO:

Cafè puro, especial, moido só á vista do freguez, moendo cada machina a sua especialidade.

MOKA Kilo 850

S. THOMÉ Kilo 700

Abatimento de 20 réis em cada Kilo ao freguez que compra por moer.

Experimentem para avaliar o que ha de especial n'este artigo.

ENCARREGADO

Na typographia d'este Jornal ha
pessoa habilitada que se encarrega de cartonagens e brochuras por
preços sem competencia.

ARMANDO DE ALMEIDA

JORNAL DE GUIMARÃES

O mo Sr.